Caderno Virtual de Turismo
ISSN: 1677-6976
Vol. 4, Nº 2 (2004)

Criando o turismo no município de São José do Vale do Rio Preto, RJ

Angela Maria Moreira Martins*,
Viviane Maria d` Almeida Sant´Anna **e Wanessa Allão Amado**,
Ronny Bronx, Roman Franz, Daniel Block e Thomas Detjen***

Resumo

Este artigo apresenta um dos resultados do processo de planejamento implantado no município em questão, oferecendo um estudo de uma das inúmeras possibilidades para o incremento do turismo ali - o projeto de uma estrada cênica para o Vale da Ventania, que respeite a identidade da região e assuma um desenho evolucionista, tal como prega Michael Hall em seu trabalho de planejamento turístico.

Caderno Virtual de Turismo
ISSN: 1677-6976
Vol. 4, Nº 2 (2004)

Introdução

Este projeto visou atender a algumas diretrizes estudadas para a implantação do turismo no Município de São José do Vale do Rio Preto através da criação de uma Estrada Cênica, ou seja, do preparo de um caminho para receber uma série de possibilidades de projetos nesta atividade.

A idéia do projeto era permitir à população local a escolha da atividade que melhor lhe conviesse, ou seja, funcionar como uma explosão de idéias. Seu objetivo principal era o de proporcionar empregos e desenvolver a região do norte do Estado do Rio de Janeiro através destas novas possibilidades, assim como conscientizar a população da importância da preservação do meio ambiente natural local.

Este trabalho começou em 2001, com a necessidade do Município de expandir sua economia. São José é o maior produtor de agricultura orgânica do Estado Rio de Janeiro, mas desejava estudar outras possibilidades para o desenvolvimento local, preservando o meio ambiente. Para tanto, estabeleceu-se diretivas e prioridades para o turismo, as mais adaptadas para a preservação da autenticidade dos lugares e da identidade dos moradores.

Assim, procedeu-se a uma ampla pesquisa de campo e a contatos com a comunidade local que permitiram estabelecer:

Primeira parte: a organização de um conjunto de dados relativos à atividade turística deste local, estabelecido por meio de pesquisas documentais e de investigações no terreno, detectando-se: os principais fatores e paisagens ligados ao meio ambiente municipal (rural e urbano) e a oferta turística local.

Segunda parte: um diagnostico turístico, sobretudo com:

* Os representantes do Estado (nível federal, do Estado e local);

* Os representantes da atividade turística local (da hotelaria, dos comerciantes, da população das associações de moradores etc.);

* Os moradores.

Esses dados privilegiaram os elementos qualitativos, as percepções dos lugares feitas através dos pesquisadores, da população e de alguns visitantes, tentando trazer idéias novas sobre o processo de turistificação.

Terceira parte: estabeleceu-se as diretrizes de implantação da atividade turística local.

Quarta parte: elaboração das algumas possibilidades de projetos. O inicio foi dado com a Estrada Cênica do Vale da Ventania.

Nossa análise comportou elementos teóricos pré-definidos, de maneira a facilitar a pesquisa documental e de campo, tais como as noções de: produto turístico; bens paisagísticos; imagens do território.

Segundo CAZES (CAZES,1992), uma definição reduzida levaria a reservar este termo para uma simples prestação de serviços (hospedagem, alimentação, animação, transporte, excursão, visitas, etc.) ao redor de um sítio ou monumento procurado ou de uma atividade particular, mas isto não seria uma verdadeira identificação do produto. Como produtos turísticos do território, nós incluímos a gama de produtos turísticos, simples ou compostos, concebidos para atingir todas as clientelas identificadas durante o estudo, que gerem benefícios a todos os atores sociais envolvidos no projeto.

Para compreender o meio ambiente e sua relação com o turismo, temos que passar pela noção de bens paisagísticos, ou seja, do valor que comportam as paisagens existentes em cada território para seus moradores e seus turistas.

Segundo QUARANTA (QUARANTA, 1997) , no Direito Francês os bens são moveis ou imóveis. E os imóveis incluem os elementos

*Líder do LABLET - Laboratório de Lazer e de Espaços Turísticos PROARQ / FAU / UFRJ. Arquiteta e Urbanista. Dra em Planejamento Urbano pela Universidade de Paris X - Nanterre. Pós Doutora em Turismo e Desenvolvimento pela Universidade de Paris I Panthéon - Sorbonne. PROARQ / FAU / UFRJ. R. dos Ipês, s/ n, Prédio da Reitoria, sala 433. Cidade Universitária Ilha do Fundão, Rio de Janeiro. E-mail: lablet@proarq.ufrj.br

** Alunas de Graduação da FAU / UFRJ e Bolsista do CNPq.

* Alunos de Graduação da TFP de Berlim.

ISSN: 1677-6976
Vol. 4, Nº 2 (2004)

do meio ambiente: o solo, o subsolo, a água, a vegetação, etc. Todas as formas naturais importantes também são consideradas como preserváveis. Essas formas constituem bens, de onde vem o termo de bens geomorfológicos. Uma forma se torna um bem geomorfológicos ou paisagístico se ela inclui pelo menos um dos quatros valores: científico, cênico, econômico ou cultural.

O valor científico

Ele se define por três critérios que são: a raridade, a exemplaridade didática e o testemunho paleogeomorfológico.

A raridade natural concerne a freqüência e a densidade dos objetos geomorfológicos numa região determinada. A raridade construída refere-se ao caráter excepcional dos elementos construídos que se encontram na paisagem.

A exemplaridade didática concerne à perfeição da forma do(s) elemento(s) da paisagem e a existência de elementos da fauna e da flora interessantes que permitem a passagem do conhecimento e a consciência acerca da necessidade de preservação ambiental.

O testemunho paleogeomorfológico tem dois aspectos: a consideração dos objetos geomorfológicos como arquivos científicos e a funcionalidade destes objetos.

O valor cênico:

Ele compõe o aspecto espetacular da forma (tamanho, altura, largura, etc.) mensurável e quantificável através de suas características morfológicas e de sua estética. A estética de uma forma depende do indivíduo, da subjetividade do observador, aos fatores que levam a uma emoção positiva. Esses fatores são as cores e o jogo que se estabelece entre elas, as sombras e as luzes e as relações de volume entre as formas, que variam em função da capacidade de percepção do observador. Se um máximo de fatores positivos está reunido, a forma será considerada como estética pela maioria das pessoas.

O valor cultural:

Trata-se de saber qual é o lugar que ocupa o(s) elemento(s) da paisagem na tradição cultural através da observação das fotos dos cartões postais, das obras picturais, dos contos e lendas, e mesmo da história oral das pessoas que ali vivem.

O valor econômico:

Trata-se de utilizar economicamente e de forma sustentável os recursos do meio-ambiente. Um elemento geomorfológicos, por exemplo, só tem um valor econômico se ele é utilizável ou explorável de forma sustentável. Uma parede rochosa que é usada por esportistas como via de escaladas, não é um recurso econômico direto, ela passa a sê-lo na hora em que agregamos a este elemento uma infra-estrutura que forneça o acesso a ela, gerando ingressos e empregos para mantê-la e preservá-la.

Segundo Cazes (CAZES, 1992), a imagem de um território se compõe de duas partes : a primeira é a implantação de uma oferta local e de estruturas institucionais e funcionais que ajudam na sua constituição e na sua gestão; a segunda é a aparição e o aumento de práticas turísticas inovadoras - lançadas, no inicio, por grupos sociais com forte poder de demonstração : aristocratas, intelectuais e/ou artistas - que consagram, através de sua passagem, um lugar.

A primeira parte é essencialmente ligada à oferta turística. Ela é uma componente essencial da estratégia dos operadores de turismo: eles expõem nesses diversos suportes suas possibilidades e seus produtos, também revelam suas escolhas comerciais e espaciais.

A segunda parte, a observação das imagens fortes e dominantes sejam naturais,

sejam ligadas a uma época ou a uma sociedade determinada, informam muito bem sobre os valores afetivos e simbólicos ligados a certos espaços.

A distinção e a apropriação espetacular (simbólica e física) de algumas partes do espaço são as resultantes complexas de numerosos processos tais como: a cristalização do olhar dominante sobre sítios excepcionalmente significativos, a instalação de infra-estruturas de acesso e recepção adequadas e a aparição rápida de iniciativas e empreendimentos que permitem assegurar com antecedência os serviços indispensáveis à promoção e à comercialização. Numa última etapa do estádio de emergência, os lugares tornaram-se imagens e produtos. Então, além da imagem publicitária, devemos nos interessar também pela percepção do espaço e pela noção do valor deste para a população local e para os visitantes.

Assim, tendo todas essas chaves teóricas já estabelecidas, procuramos desenvolver as bases que possibilitassem o incremento da atividade turística.

A hotelaria local já estava em fase de implantação. Logo, urgia estabelecer diretrizes para a que esta atividade fosse introduzida de uma forma planejada e controlada, para que ela fosse transformada num elemento de promoção do desenvolvimento local.

Começamos com um trabalho com a comunidade estabelecendo os seus elos com o território e os desejos e expectativas para esta atividade ali. A comunidade definiu como os principais elementos turistificáveis de São José aqueles que conferem a identidade do município, são eles (em ordem decrescente de prioridade):

I - O Rio Preto; as suas Montanhas e as suas Paisagens.

II - As Fazendas; o Sítio de Tom Jobim.

III - A Produção Agrícola Municipal; seu Artesanato; as Caminhadas Ecológicas.

IV - Uma série de outros elementos também foi apontada, são eles: as Festas Tradicionais e a criação de Atrações para Juventude; Botequins; Cachoeiras; Canoagem; Clima; Forró da Reta; Grupos de Folia de Reis; Horto; Lira de Santa Cecília; Passeios Históricos; Pedra das Flores; Pesque e Pague; Tapeçarias; Turismo Religioso; UAC (União de Cavaleiros); Vale da Ventania.

Para cada um dos principais marcos identitários locais, os participantes estabeleceram objetivos que deveriam ser alçados para o reforço ou a melhoria da qualidade do ambiente no local.

A voz dos técnicos:

Várias outras conclusões foram incorporadas aos dados do trabalho com a comunidade. Estes itens nos permitiram traçar um quadro de diretrizes[1]. Citaremos apenas aquelas que deram origem ao Projeto Vale da Ventania, são elas:

DIRETRIZ 1 : As Atrações.

Criamos um corpo de lugares e/ou atividades que pudessem servir como atrações. Com este fim, levantamos os elementos de maior acessibilidade neste momento. Entretanto, não quer dizer que estes lugares estão prontos para receber os turistas, mas eles oferecem a possibilidade de, a curto prazo, serem inseridos como produtos turísticos, são eles :

1 - As fazendas.

2 - As atividades interessantes, em particular aquelas ligadas a floricultura, como as plantações de girassóis, crisântemos, margaridas e outras flores, da Estrada da Ventania, Bairro Morro Grande.

3 - As paisagens naturais: no caso, as Montanhas e plantações da Estrada da Ventania (Flores e matas).

1 Este estudo completo encontra-se no site da Prefeitura de São José do Vale do Rio Preto, no item correspondente à infra-estrutura/ turismo.

Tipos de turismo a ser implantado: o Rural, identificado juntamente com o Científico e Cultural como potencialidades turísticas e o Ecológico, com caminhadas e trilhas.

DIRETRIZ 2 : A Comunicação.

Em nosso levantamento ficou bem claro que, para a introdução do processo de turistificação de forma planejada em São José, era fundamental que o município tivesse visibilidade, ou seja, que ele obtivesse informações sobre o seu território e suas atrações e que pudesse passá-las aos visitantes. Para tanto, era preciso Investimentos: numa signalética apropriada a um município rural, ou seja, que tenha identidade com a vida ali vivida e na divulgação e marketing do município.

(As diretrizes 3 e 5 do Projeto Estratégico Geral não foram atendidas pelo projeto do Vale da Ventania, pois elas comportavam elementos que caracterizavam outros lugares do município, por isto elas não serão citadas no contexto deste artigo).

DIRETRIZ 4 : O Meio-Ambiente.

Criar e divulgar lugares onde seria incentivados a observação de pássaros e o oferecimento de "safaris" de observação e de fotos. Com isto haveria a possibilidade de passar conhecimentos acerca da proteção do meio-ambiente e da flora e fauna local.

DIRETRIZ 6 : Ações para o início do processo de turistificação, principalmente a criação de circuitos de visitação com as principais paisagens e atrações da região, com acesso pelas rodovias servidas pelo transporte público municipal.

O projeto Vale da Ventania

O Vale da Ventania seria transformado em um espaço turístico e de lazer, cujo tipo de organização espacial deveria possuir as seguintes características principais:

* À função trabalho (agricultura orgânica) foi integrada a função de turismo/ lazer, como uma forma de complementaridade econômica.

* Criou-se uma estrutura espacial policêntrica fazendo suceder pólos de serviços e zonas verdes, seguindo a via de

acesso existente e exclusivamente para animação diurna.

* Criou-se um espaço próximo de uma paisagem rural, mas preocupado em valorizar o patrimônio ambiental - para isto foi estabelecido um marco - A Fonte das Flores.

* Projetou-se construções leves e equipamentos urbanos que marcavam uma vontade de adaptação à topografia e à identidade arquitetônica já existentes no município.

* Estabeleceu-se um superequipamento de comércios e serviços lúdicos.

* Organizou-se uma hierarquia rigorosa nas vias e dos fluxos de circulação como vias principais, ciclovias e trilhas de pedestre.

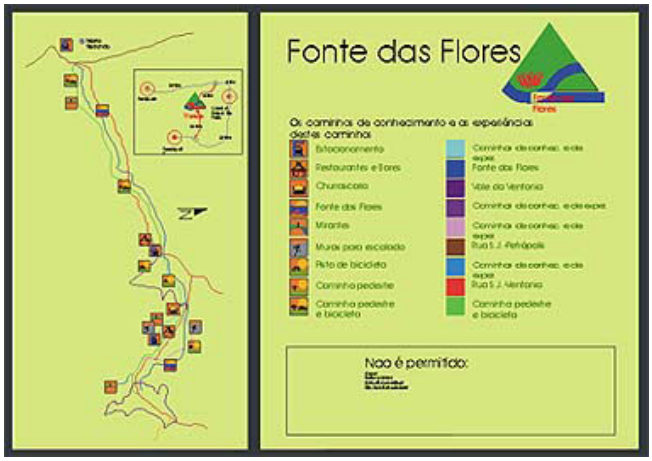
Procuramos seguir os elementos teóricos considerados indispensáveis para um bom projeto. Logo, a noção de valor dos bens paisagísticos foi diretamente aplicada:

Como valor científico tomamos o relevo, a fauna e a flora, em particular os pássaros que são numerosos e diversificados na região. Para tanto, foram selecionados caminhos especiais - trilhas ou ciclovias que passam por paisagens relevantes do ponto de vista cientifico para oferecer um destaque aos elementos geomorfológicos, à flora e à fauna, que foram denominadas - Os Caminhos do Conhecimento e da Experiência. Estes caminhos são acompanhados por uma signalética que permite a descoberta dos lugares e dos seus elementos mais marcantes. Neles foram destacados os lugares de visibilidade máxima e os melhores pontos de observação de pássaros para o estabelecimento de mirantes.

Como valor cênico e cultural foram escolhidos os pontos de mais belas paisagens, onde foram colocados pontos de contemplação ou de repouso para quem acompanha as trilhas propostas, sejam de bicicletas ou de pedestres[2]. Para o final da experiência, foram deixadas as mais belas visões, onde o visitante poderá deleitar-se com a explosão de cores dos girassóis, crisântemos, margaridas e tantas outras flores cultivadas no vale, assim como poderá aprofundar o seu conhecimento sobre elas.

Como valor econômico foram detectados no levantamento feito vários paredões rochosos propícios à escalada. Nestes lugares foi criada a infra-estrutura indispensável para uma boa recepção turística - estacionamentos, bares, lanchonetes, áreas de piquenique e churrascarias, sanitários, etc. Como em sua maioria eram de propriedades privadas, foi feito um estudo para que os proprietários pudessem ter idéias para o aproveitamento turístico da região como um todo e, desta forma, manter o controle do processo de turistificação[3] .

Descrição do Projeto



À esquerda e no alto, temos um pequeno mapa esquemático demonstrando o caminho e as distancias que ligam Morro Redondo (bairro mais central de São José) com Petrópolis, Teresópolis e o Vale da Ventania.

2 Não foram propostas trilhas de motocross, pois foram consideradas danosas e prejudiciais à boa convivência com a flora e a fauna locais.

3 No âmbito deste artigo não foi possível exibir o projeto de forma mais completa, por isto ficamos limitados a algumas imagens que pudessem dar uma idéia global do mesmo.

ISSN: 1677-6976
Vol. 4, Nº 2 (2004)

No mapa maior colocou-se as distancias e os usos previstos em toda a estrada.

À direita, o logotipo da Fonte das Flores - ponto focal do projeto - e a descrição de toda a signalética utilizada para cada lugar, especificando-se: as áreas de estacionamento, restaurantes, bares, churrasqueiras, Fonte das Flores, mirantes, muros de escalada, pista de bicicletas, caminhos de conhecimento e experiência, caminhos de pedestres, ciclovias.

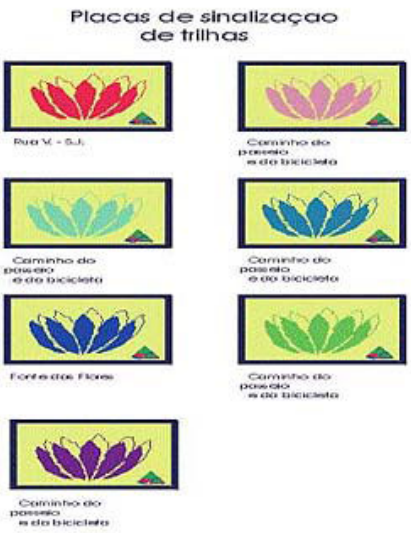
Também foram criadas placas:

-de sinalização especiais para situar os turistas;

-de acordo com as dificuldades que eles poderiam encontrar nas trilhas;

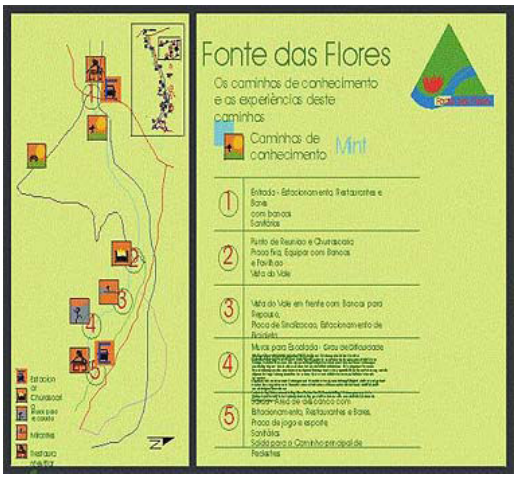
-de acordo com a sua função.

Por exemplo:



A variação do colorido significa trilhas destinadas aos diferentes clientes, das mais fáceis (3a. Idade) até as relativamente difíceis destinado a um público mais selecionado e afeito a este esporte.

O local destinado às trilhas mais importantes, mirantes e atividades de lazer foi detalhado em outra prancha, assim como o projeto da Fonte das Flores:



Este esquema demonstra a criação de cinco ambientes para opções de lazer. Seus objetivos principais eram criar conhecimento e experiência e atividades lúdicas, sobretudo as escaladas.

Como Marco do Projeto, a Fonte das Flores recebeu um tratamento especial, trata-se de uma fonte criada por um pequeno córrego e um lago artificial. Ela serve de parada para os visitantes e de descanso. Ali a vista pode desfrutar de numerosas flores, geradas através de um projeto paisagístico baseado na flora do local ou das proximidades, criando um ponto de liberação de emoções.

Todas as possibilidades do relevo foram exploradas: nas áreas mais planas, paralelas à via principal de acesso já existente, foram colocadas os equipamentos lúdicos e de lazer, as áreas mais altas foram destinadas às trilhas, pontos de parada, mirantes para observação de pássaros e fotos.

O projeto procurou oferecer produtos turísticos diversificados e espalhados no território, possibilitando aos visitantes muitas possibilidades de utilização do espaço, a

custos relativamente baixos e com projetos de fácil manutenção, mas que possuíssem um todo coerente de atividades interligadas. Este cuidado permite ao visitante renovar a visita ao local, o que gera a sustentabilidade econômica da atividade turística a médio e longo prazo e produz novos empregos.

Seu maior trunfo foi servir como uma explosão de idéias e de criatividade para demonstrar que, se bem estruturada, a atividade turística pode ser uma alavanca para o desenvolvimento local e para elevar a consciência acerca da preservação do meio-ambiente para todos - moradores e turistas.

Bibliografia

CAZES, G. Fondements pour une géographie du tourisme et des loisirs. Paris, Ed. Bréal, 1992.

ESCOURROU, P. Tourisme et environnement. Paris, Sedes, 1993.

LOZATO-GIOTART, J-P. Géographie du tourisme. De l'espace regardé à l'espace consommé. Paris, Ed. Masson, 1993.

QUARANTA, G. La prise en compte des biens paysagers dans la promotion touristique d'une zone environnementale protégée. In "Tourisme et milieu", Paris, Collections Colloques du CTHS, Nº 16, Ed. CTHS, 1997, p. 147/156.

CONSEIL NATIONAL DU TOURISME. L'aménagement touristique du territoire et la protection des zones sensibles. Paris, CONSEIL NATIONAL DU TOURISME, 1991.

DEMERON, P. et PILLIAS, A-F. Les opérations grands sites. Une réponse à la dégradation des sites majeurs. In "Cahier Espace - Tourisme et Environnement", Nº 62, Paris, p. 50/53.

ERTSEC/Equipe de Recherche sur le Tourisme. Le tourisme dans les parcs naturels. Toulouse, Un. Toulouse le Mirail, Série Tourisme, Nº 4, 1996.

FABRE, P. Tourisme international et projets touristiques dans les pays en développement. Paris, Université Paris I / Ministère de la Coopération, 1979.

FILLOZ, V. Un développement touristique en zone rurale : l'exemple du CETA "Accueil en Provence Paysanne". In "Tourisme et milieu", Paris, Collections Colloques du CTHS, Nº 16, Ed. CTHS, 1997, p. 157/166.

HALL, C. M. Planejamento turístico. Políticas, processos e relacionamentos. São Paulo, Contexto, 2001.

OMT. Risque de saturation ou dépassement de la capacité de charge touristique dans les destinations de séjour touristiques. Madrid, OMT, 1983.

OMT/PNUE/CAP/IE. Principes directeurs : aménagement des parcs nationaux et de zones protégées pour le tourisme. Madrid, Série de Rapports Techniques, Nº 13, Ed. OMT/PNUE/CAP/IE, 1992.

POVEREL, B. Concilier fréquentation et protection. L'exemple du Pont du Gard. In "Cahier Espace - Tourisme et Environnement", Nº 62, Paris, p. 54/58.

WACKERMANN, G. Tourisme et capacité de charge spatiale des pays en voie de développement. Mulhouse, Lab. De Recherches internationales en Transport et Echanges/LARITE/Uni. d'Haute Alsace, 1987.